

Rompendo o silenciamento: impactos da leitura de “Quarto de despejo”

Adrielle Soares Cunha¹ 

Doriele Silva de Andrade Costa Duvernoy² 

Resumo

Com o objetivo de analisar a pertinência e a recepção de novas abordagens pautadas no protagonismo negro para o ensino de literatura, lemos “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, que proporcionou o “(re)despertar” para o mundo literário. Considerando a efetivação do ensino de culturas afro-brasileiras, com foco na literatura negro-brasileira, conforme preconiza a Lei nº 10.639; o círculo de leitura, defendido por Cosson; bem como as ementas do componente curricular “língua portuguesa”, acreditamos que o resultado foi positivo, pois os(as) discentes atendidos(as) pelo projeto puderam demonstrar uma “evolução”, ao melhorar suas habilidades de leitura, escrita e de oralidade.

Palavras-chave: Literatura negro-brasileira; “Quarto de despejo: diário de uma favelada”; (Re)despertar.

Abstract

Breaking the silencing: impacts of reading “Quarto de despejo”

In order to analyze the relevance and reception of new approaches based on black protagonism for the teaching of Literature, we read “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, by Carolina Maria de Jesus, which provided the “(re)awakening” for the literary world. Considering the effectiveness of the teaching of afro-Brazilian cultures, with a focus on negro-Brazilian literature, as recommended by law 10,639; the reading circle, defended by Cosson; as well as the syllabus of the curricular component “portuguese language”, we believe that the result was positive, as the students served by the project were able to demonstrate an “evolution”, by improving their reading, writing and speaking skills.

Keywords: Black-Brazilian literature; “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”; (Re)awakening.

Resumen

Rompiendo el silenciamiento: impactos de la lectura de “Quarto de despejo”

Con el objetivo de analizar la pertinencia y recepción de nuevos enfoques basados en el protagonismo negro para la enseñanza de la Literatura, leímos “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, de Carolina Maria de Jesus, que supuso el “(re)despertar” para el mundo literario. Considerando la efectividad de la enseñanza de las culturas afrobrasileñas, con enfoque en la literatura negro-brasileña, según

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - Campus Maragogi.

² Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte.

lo recomendado por la ley 10.639; el círculo de lectura, defendido por Cosson; así como el programa del componente curricular “lengua portuguesa”, creemos que el resultado fue positivo, ya que los estudiantes atendidos por el proyecto pudieron demostrar una “evolución”, al mejorar sus habilidades de lectura, escritura y expresión oral.

Palabras clave: Literatura negro-brasileña”; “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”; (Re)despertar.

Introdução

Na etapa explicativa da pesquisa de mestrado profissional intitulada “Protagonismo negro na literatura brasileira: descolonizando o currículo no *campus* Maragogi/IFAL”, atrelada à linha de pesquisa política e gestão educacional, do Programa de pós-graduação em educação da Universidade de Pernambuco, desenvolvemos o projeto de ensino “Protagonismo negro na literatura brasileira: uma proposta de estímulo à leitura literária através do círculo de leitura”.

Com o objetivo de analisar a pertinência e a recepção de novas abordagens pautadas no protagonismo negro para o ensino de literatura no ensino médio do *campus* Maragogi do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), o projeto teve como propósito, em parceria com os setores de psicologia e biblioteca, vinculados à Coordenação de Apoio Acadêmico, a formação de leitores e mediadores. O público-alvo foram estudantes das 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries, de ambos os turnos, dos cursos técnicos integrados ao ensino médio em agroecologia e em hospedagem.

Consideramos a efetivação do ensino de culturas afro-brasileiras, com foco na literatura negro-brasileira (Cuti, 2010), conforme preconiza a Lei nº 10.639 (2003)³; o Círculo de leitura, defendido por Cosson (2020, 2021a, 2021b); bem como as ementas do componente curricular “língua portuguesa” presentes nos planos pedagógicos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio em agroecologia e em hospedagem do *campus* Maragogi (Instituto Federal de Alagoas [IFAL], 2019a; 2019b).

Os encontros foram semanais com o propósito de dialogarmos sobre a obra literária escolhida, nos aprofundarmos nas temáticas presentes nos textos e na identificação (ou não) com os escritos, tratarmos da estética das obras, do estilo

³ Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

do(a) autor(a), estabelecendo comparações com outras obras já lidas pelos(as) estudantes. Promovemos também oficinas e rodas de conversa, permitindo o diálogo entre literatura e outras expressões artísticas, e entre literatura e outras áreas do conhecimento. Momentos que estabeleceram uma ponte entre os livros lidos e suas temáticas, dialogando com outras linguagens artísticas, como o cinema, ou conversando com pessoas que trazem suas vivências sobre o tema ao qual o enfoque é dado, ou mesmo interagindo com a autora de uma das obras lidas, tendo a oportunidade de compreender os processos de escrita, as motivações, os anseios, estabelecendo uma conexão entre autora e leitores(as).

A proposta teve duração de sete meses, de junho a dezembro de 2022, e foi uma resposta à necessidade de avanços do eixo leitura literária/literatura presente no componente curricular “língua portuguesa”. Alcançamos um público-alvo de 50 estudantes, cuja participação nos encontros se deu de diversas formas: vindo apenas uma vez, ou mesmo ingressando nos primeiros encontros e saindo na metade do período do projeto, ou ainda chegando depois da ação ter iniciado.

O adjetivo prazeroso conduziu os nossos encontros, objetivando o “(re)despertar” desses(as) estudantes para o mundo literário. Buscamos, através dos encontros, dinamizar o processo de leitura, tido muitas vezes como doloroso em sala de aula. Outro ponto importante foi desenvolver, a exemplo dos ensinamentos de Freire (1985), uma proposta coletiva, democrática, definindo em conjunto com os(as) estudantes a periodicidade, o horário e a duração dos encontros, além dos gêneros literários e das obras a serem lidas.

A partir da escolha dos gêneros literários e da ordem em que seriam lidos, ao longo dos meses de desenvolvimento do projeto, definimos que teríamos um livro do gênero diário, quatro de poemas, dois de contos, um de *websérie* em quadrinhos, um de crônica, um de *zine* e um de romance, combinando o objetivo de cada encontro, a frequência das reuniões, a duração e o local de realização, em conjunto com os(as) participantes no primeiro encontro.

A primeira obra escolhida e lida foi “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus (2020). Leitora voraz de livros e de tudo o que lhe caía nas mãos, logo tomou o hábito de escrever. E assim iniciou sua trajetória de memorialista passando a registrar o cotidiano do “quarto de despejo” da capital

paulista nos cadernos que recolhe do lixo e que se transformam mais tarde nos “diários de uma favelada”.

Carolina Maria de Jesus é uma das maiores escritoras brasileiras do século XX, amplamente reconhecida por sua triste história de vida em Sacramento, Minas Gerais, pelo seu percurso migratório, quando da saída de sua cidade natal, e, principalmente, pelos anos em que viveu na Favela do Canindé, cujos relatos estão presentes em seus diários “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, lançado em 1960; e “Diário de Bitita”⁴, de 1986.

A autora ganhou projeção nacional, entre 1960 e 1961, após a publicação de seu conhecido diário, que trazia trechos de suas vivências na Favela do Canindé, em São Paulo, obra que alcançou sucesso internacional, com tradução para 13 línguas, distribuída em mais de 40 países. Seu livro, que destoava das produções contemporâneas – e até mesmo das que o antecederam –, causou um *frenesi*, um *boom* editorial, possibilitando a Carolina ir a programas de rádio e de televisão nos meses pós-lançamento, além de receber cotidianamente visitas de jornalistas para conceder entrevistas a jornais e revistas famosos da época.

A repercussão de suas vivências contadas em seu diário foi impressionante. Carolina viajou para cidades das mais variadas regiões do país a convite de políticos e empresários influentes para participar de eventos promovidos pela burguesia da época. Todos queriam ouvir a história de vida de Carolina, uma mulher preta retinta, catadora de material reciclável, alfabetizada em dois anos de grupo colegial, na década de 1920, em Sacramento, no interior de Minas Gerais, que viveu a maior parte da vida na Favela do Canindé, na cidade de São Paulo, convivendo com a fome e a falta de infraestrutura.

A autora tem sido amplamente estudada. Citando alguma dessas obras, temos Arruda, Barroca, Tolentino (2016), que organizaram o livro “Memorialismo e resistência: estudos sobre Carolina Maria de Jesus”, reunindo os textos apresentados e debatidos no *VI Colóquio Mulheres em Letras*, realizado em 2014, em comemoração

⁴ Obra póstuma, o Diário de Bitita, apelido da menina Carolina, apresenta a singularidade de ter sido publicado primeiramente em francês, em 1982, sob o título de *Journal de Bitita* – resultado da decisão da autora de entregar, em 1975, seus cadernos a duas jornalistas francesas, que se deslocaram ao Brasil para entrevistá-la. O manuscrito original permanece inédito até 1986, quando a editora Nova Fronteira lança o diário, o qual comporia, com “Quarto de despejo” (1960) e “Casa de alvenaria” (1961), a trilogia autobiográfica carolineana.

ao centenário de Carolina Maria de Jesus, trazendo ao leitor vários aspectos da obra da escritora; ampliando essa edição, em 2022, com a obra “Carolina Maria de Jesus: percursos literários” (Arruda et al., 2022), com novos textos-vozes de estudiosos e especialistas de sua obra, após a primeira publicação de “Quarto de despejo: diário de uma favelada” completar 60 anos.

Na obra “Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus: saltando os muros da subalternidade”, Rocha (2021) analisa o livro “Diário de Bitita”, publicação póstuma, na França, a qual teve o apoio de Vera Eunice, filha de Carolina, para que fosse publicada no Brasil, em 1986. Considerando que os estudos sobre Carolina se concentram predominantemente em “Quarto de despejo”, havendo um número reduzido de pesquisas sobre as demais obras da autora, é relevante a análise desse outro diário (livro de memórias) de Carolina.

Já Ferreira (2022), em seu livro “A poesia de Carolina Maria de Jesus: um estudo de seu projeto estético, de suas temáticas e de sua natureza quilombola”, convida leitores(as) a adentrarem a obra poética da poetisa, que, através da narrativa oral, em sua breve alfabetização escolar, tem o desejo de trazer, pela palavra literária, o mundo pulsante em seu corpo de mulher negra. A estudiosa dialoga continuamente com a teoria e a crítica literária para analisar a antologia de Carolina.

Enquanto a obra “Carolina Maria de Jesus: uma questão autoral”, organizada por Pereira (2023), traz ensaios das mais importantes pesquisadoras sobre a extensa obra de Carolina, tratando de questões atuais e prementes de sua obra, para se compreender o Brasil desde os anos 1950 até os dias atuais, afirmando-se cada vez mais integralmente a sua importância autoral, para além do testemunho. Essas e outras obras se debruçam para analisar a complexidade dessa autora que conquistou o *campus* Maragögi.

O impacto da leitura dessa obra foi notório, já que, além das excelentes discussões que ocorreram nos encontros, o grêmio estudantil, que estava na fase de realização de novas eleições há época, decidiu defender a adoção do nome “grêmio estudantil Carolina Maria de Jesus”. Diante da repercussão da leitura dessa obra, decidimos relatar a experiência de ler coletivamente o livro que consagrou a escritora Carolina Maria de Jesus. Salientamos que as vozes dos(as) estudantes orientam o texto e que suas identidades foram preservadas.

O impacto da leitura de Carolina, através do seu “Quarto de despejo”

Após três semanas de leituras coletivas, em que pudemos conhecer a obra e a autora, além de ler e comentar sobre o livro, os(as) estudantes tiveram a chance de, no encontro de socialização, relatar como foi a experiência de ler essa obra, que dificuldades foram encontradas, que facilidades foram percebidas, como avaliaram o livro, se indicariam para outras pessoas, numa espécie de balanço da leitura da primeira obra do projeto.

Muitos(as) comentaram que a obra fez com que lembrassem de relatos de seus(suas) familiares, de traumas, dores e faltas presentes em suas famílias, e que, em muitos trechos, em muitos momentos da leitura, se sentiram próximos das vivências da autora. Compartilharam que sentiram o desejo de ler para suas mães e avós alguns excertos da obra e que elas ficaram impressionadas com a escrita tão realista da autora.

Tipo Eu não conseguia ler tudo de uma vez só. Eu lia cinco dias e ficava: Caraca! Refletia e depois eu lia de novo. Não consegui acabar o livro todo. Infelizmente. Mas eu vou tentar acabar pelo pdf ou pedindo emprestado à biblioteca quando ele estiver à disposição. Mas eu achei muito comovente. Porque, assim, eram poucos os dias em que ela estava realmente feliz e calma, né? Na maioria dos dias ela acordava nervosa. Sem saber o que ela e os filhos iriam comer. Fiquei pensando quantas famílias não tão nessa situação, né, no Brasil ultimamente (D. dos S. S., informação verbal oral).

L. K. B. F. comentou que o que mais chamou sua atenção foram as brigas que Carolina presenciava na Favela do Canindé e o fato de, mesmo na década de 1950, a autora não seguir a máxima de que “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”: “Se intrometeu pra tentar separar, acalmar a situação. E chamava a polícia! Tava sempre ali, ó, presente” (informação verbal oral).

O grupo ponderou sobre o fato de que, mesmo esse momento sendo preocupante, já que se tratava de episódios de violência, era engraçada a maneira como a autora relata os casos, causando no(a) leitor(a) o riso, pois beirava a comicidade. Para os(as) participantes, nesses momentos, a tristeza que acompanhava a leitura, dava lugar à graça, provando o quanto é injusto reduzir Carolina Maria de Jesus a uma autora de diários, que retratam os tristes episódios da desigualdade social, do racismo e do machismo. Na obra de Carolina, há espaço para o humor, o amor e o sonho. Carolina não se resume à dor.

Carneiro (2011) analisa dados estatísticos do início dos anos 2000 e conclui que “as mulheres negras brasileiras compõem, em grande parte, o contingente de trabalhadores em postos de trabalho considerados pelos especialistas os mais vulneráveis do mercado” (p. 129).

Relacionando as desigualdades de raça, gênero e classe, a estudiosa recorre à expressão “matriarcado da miséria”, que “foi cunhada pelo poeta negro e nordestino Arnaldo Xavier para mostrar como as mulheres negras brasileiras tiveram sua experiência histórica marcada pela exclusão, pela discriminação e pela rejeição social” (p. 130), revelando que, mesmo diante de tais condições desiguais, elas assumem o papel de liderança e resistência em suas comunidades.

Quando a gente lê, a gente se conecta com os personagens, com a história, mas eu acho que o gênero diário é ainda mais intimista. Além de ser uma pessoa real, você consegue se conectar ainda mais. E, por ser um diário, a conexão é ainda maior. É realmente uma leitura pesada. Mas Tipo Eu amo como ela é pesada ao mesmo tempo em que consegue dar uma suavizada, mesmo só um pouco, mas ela consegue. E é muito interessante que você faz meio que uma imersão no estilo de vida das pessoas da favela. Como que é o dia a dia dessas pessoas, o que acontece por lá. Eu marquei o livro todo, olha, como vocês podem ver. Eu destaquei várias passagens. O que me impressiona é que era 1958 e não mudou muita coisa. Era outra moeda, era outro tempo, era uma época totalmente diferente de hoje, e, mesmo assim, ainda existe a fome, se a gente tiver antenado, né? A gente vê que a situação tá pesada. Você consegue conectar este livro com a realidade de hoje, por mais que seja um livro antigo, digamos assim. Eu gostei muito! Para mim, essa leitura simbolizou um aprendizado muito importante. Eu consigo me identificar bastante com a personagem. Meu Deus! Inclusive, na história do cigano, eu pensei: “Ela não vai ficar com ele” (risos do grupo) (A. V. dos S. S., informação verbal oral).

Foi interessante como o grupo trouxe para o círculo de leitura as várias nuances da obra, reconhecendo que a leitura exigiu reflexões e despertou incômodos. Conseguiram evidenciar os outros sentimentos que permeiam a leitura da obra, a partir das relações amorosas de Carolina, por exemplo. Ou mesmo da admiração que foi gerada pelo “maternar” da escritora. Os esforços foram movidos pelo amor que tinha pelos dois filhos e pela filha.

A filha acordava meio alegre e deixava Carolina alegre. Vera acordava cantando e chamava: “Mãe, vem cantar!” (risos do grupo e comentários como: “Amei a Vera!”) Eu achei muito bom ler esses trechos porque ela não tinha ninguém. Era ela e os filhos dela, né? E ela já vivia uma vida tão sofrida e a filha dela, eu acho, que ajudava ela, né? De um jeito ou de outro Eu fiquei comovido com a história dela, né? Uma história de uma pessoa bem sofrida. Eu identifiquei muitas pessoas ao meu redor que estão em uma situação próxima a de Carolina. Aqui mesmo tem uma favela. Há muitas pessoas com

dificuldades também. É isso Eu amei, amei esse livro. Foi uma experiência e tanto! Eu vou pegar depois na Biblioteca para terminar de ler. Eu amei esse livro! (J. A. da S., informação verbal oral).

Na perspectiva ainda de penetrar mais na obra e ir além da ideia de que a vida de quem reside na favela se resume à fome, à falta de estrutura e ao sofrimento, uma das participantes continua em seus relatos tratando dos mais variados aspectos da narrativa. O grupo salienta que, quando buscaram um resumo da obra na internet ou resenhas da obra, muitas vezes, leram textos que enfatizam apenas esses pontos e, de certa forma, desumanizam a escritora e os demais moradores da Favela do Canindé.

As coisas que ela descreve, como, ela sempre cita as crianças, como ela tem amor às crianças, como ela tem paixão pelas crianças, que ela entende as crianças. E isso não está relacionado só ao sofrimento. Esse carinho que ela tem pelas crianças, assim como tem pelos filhos. E como ela é tão destoante, às vezes, da maioria das pessoas que estão ao seu redor (A. V. dos S. S., informação verbal oral).

O racismo estrutural, recreativo e ambiental estão presentes na obra de Carolina do início ao fim do texto e podemos citar alguns trechos que foram destacados em nossas discussões. Como exemplo de racismo estrutural, temos o excerto em que ela escreve um roteiro, apresenta ao proprietário do circo, ele gosta do que lê, mas lamenta o fato de ela ser uma mulher negra e não poder ser contratada por isso.

Quanto ao racismo recreativo, há um trecho em que ela está buscando materiais recicláveis no início da noite no centro da cidade e um grupo de jovens, que estava se divertindo, zomba dela, tecendo comentários depreciativos sobre sua aparência. Acerca do racismo ambiental, temos o fato de ela conviver com ratos e baratas, morar num barraco, não ter acesso à água encanada e ser vítima de enchentes constantes por residir numa favela sem a mínima estrutura para viver com seus filhos. Conforme Almeida (2021, p. 25): “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial a que pertençam”.

Almeida (2021) traz a concepção de racismo estrutural, demonstrando que o racismo transcende o âmbito individual e traz o poder como constitutivo das relações raciais. Tal noção nos permite perceber que as demais formas de racismo nascem dessa estrutura, de modo que as instituições são racistas porque a sociedade é racista. O racismo é apresentado pelo autor como parte da ordem social, sendo

reproduzido pelas instituições e nas práticas sociais, um fenômeno eminentemente histórico e político, devendo ser combatido por todas as pessoas.

Sobre racismo recreativo, Moreira (2019) afirma que o humor racista é um tipo de discurso de ódio, é um tipo de mensagem que comunica desprezo, que comunica condescendência por minorias raciais. O jurista também discute o conceito de micro agressões, de personagens da televisão símbolos de racismo recreativo, como também afirma ver como comum humoristas que se escondem por trás do argumento “é só uma piada” toda vez que são hostis a minorias raciais.

Já o racismo ambiental diz respeito às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias vulnerabilizadas. Não se configura apenas por meio de ações que tenham uma intenção racista, mas igualmente por meio de ações que tenham impacto racial, não obstante a intenção que lhes tenha dado origem. Diz respeito a um tipo de desigualdade e de injustiça ambiental muito específico: o que recai sobre suas etnias, bem como sobre todo grupo de populações ditas tradicionais (Herculano, 2008).

Mesmo diante dessas e de outras situações em que o racismo esteve explicitamente presente em seu cotidiano, a autora demonstra muito orgulho de sua negritude e traz a cor preta como um adjetivo que qualifica, distingue o lugar onde reside. Alguns estudantes dialogaram sobre um dos trechos em que Carolina estabelece essa ponte entre a cor de sua pele e a cor da favela, estabelecendo uma dicotomia. Ao mesmo tempo que considera sua cor linda, seu cabelo maravilhoso, ela também traz o preto como adjetivo do lugar onde mora, como adjetivo da trajetória de sua vida repleta de dificuldades.

Isso me lembrou um trecho que está até aqui marcado no livro que eu li: “28 de Maio. A vida é igual a um livro. Só depois de ter lido é que sabemos que se encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como nossa vida decorreu. A minha até aqui tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro”. Eu até tirei uma foto disso aqui. Achei muito lindo. Poético! (D. D. da S. S., informação verbal oral).

Os(as) participantes também fizeram comentários sobre as críticas sociais feitas pela autora em sua obra, da forma como ela faz comparações entre o centro da cidade e a favela, possibilitando aos leitores reconhecer e compreender a desigualdade social e racial do nosso país de uma forma tão crua, irônica, com palavras tão impactantes e, ao mesmo tempo, com a beleza da poesia.

Ela passou o que muitas pessoas negras passam. Então eu acho que o livro me ajudou a ter, pelo menos, um pouco de noção, entendeu? Tipo Sentir como isso impacta na vida das pessoas. O jeito como ela falava, que ela sentia, que ela ficava indignada também (D. D. da S. S., informação verbal oral).

Durante o desenvolvimento do projeto, nas dependências do *campus*, os(as) estudantes, principalmente os(as) do grupo vespertino, foram avistados pela pesquisadora com seus exemplares, realizando leituras em espaços, como os do intervalo ou de uma aula vaga, ou ainda apresentando a obra a algum colega.

Os livros de literatura da biblioteca ficam lá em cima e eu nunca tinha encontrado um livro que se enquadrasse comigo. É tipo Esse livro é legal? Folheeí vários, vou escolher e pensa: “Ai, não gostei, não quero!”. A pessoa nem leu ainda, mas algo não chamou a atenção. Já com Carolina No primeiro encontro, na leitura das primeiras páginas, eu pensei: “Ai Gostei muito!”. Ela é uma autora do cotidiano. Ela escreve com palavra que dá pra ser entendida, não são palavras complexas. É bem legal mesmo! E teve uma parte que a senhora citou no primeiro encontro que ela diz: “Você vai aparecer no meu livro, no meu diário!!!!” E eu achei muito divertida essa parte (risos do grupo). Foi uma experiência de leitura muito interessante (R. R. L. S., informação verbal oral).

E. L. M. S., bolsista do projeto de ensino, provoca o grupo perguntando se alguém não gostou do livro, pedindo para serem honestos e dizendo que em nosso grupo também é permitido não gostar, achar chato, ter sido difícil ler porque não se interessou. O grupo balança a cabeça negativamente e R. R. L. S. volta a falar, perguntando sobre as outras obras da escritora: “Ohhh, professora! A senhora comentou que tinha outro livro desse, que era a continuação. Eu queria ler, queria saber o que houve depois, como foi a vida dela e dos filhos após o sucesso do livro” (informação verbal oral).

Aproveitamos a oportunidade para relatar brevemente o que se passa nas obras “Casa de Alvenaria”, volumes 1 e 2, disponibilizando dois exemplares do acervo pessoal da pesquisadora para os(as) estudantes do projeto que desejassem ler mais obras de Carolina de Jesus. Explicamos que a proposta do projeto é percorrer outros gêneros literários e obras de autores(as) diversos, reforçando que durante o projeto serão lidos dois livros do gênero poema no próximo mês.

A discussão permitiu ponderarmos sobre como as atitudes de Carolina, relatadas em seu diário, nos ajudam a combater os estereótipos criados em relação à maternidade solo e à pobreza. O empoderamento da escritora em relação à sua sexualidade e ao fato de evidenciar, ao contar essa faceta de sua vida, que não é um corpo atravessado apenas por tristezas e ausências, são provas dessa complexidade.

A autora nos dá elementos em sua escrita do quão complexos somos, apesar de socialmente uma mulher preta, mãe solo e pobre ser reduzida aos sofrimentos ocasionados pelo que falta em sua vida, enquanto mulheres brancas e ricas podem, a exemplo de Clarice Lispector, produzir uma literatura intimista que trata da complexidade do ser humano.

Ressaltamos também o quanto é inovador uma mulher, no fim da década de 1950, discorrer sobre parceiros sexuais, desejo sexual, e o quanto não sente a necessidade de se casar, na contramão de tudo que é imposto na cultura machista do período, em que uma mulher deveria se casar, não poderia compartilhar seus anseios sexuais, ainda mais em um livro.

O fato de possuir três filhos de relacionamentos diferentes já é, mesmo para a atualidade, um risco para atos de discriminação, para comentários machistas e misóginos. Neste momento, o grupo aponta a complexidade de Carolina:

Ah Ela bate nessa tecla de: Não é porque eu sou da favela que eu vou agir como um favelado, mal-educado não. Eu vou acordar cedo, vou atrás do meu. Não vou ser como essas mulheres que acabam se submetendo a relações violentas ou recorrendo a outras formas de renda (C. J. B. da S., informação verbal oral).

A maternidade da escritora ganha um espaço especial na discussão. O quanto os(a) filhos(a) dela possuem liberdade de serem diferentes, o quanto ela respeita suas individualidades. Os filhos e a filha têm uma relevância na narrativa e os(as) estudantes contaram um pouco sobre suas impressões acerca desses personagens da vida real.

Inclusive, eu nem terminei o livro, mas já fui dar uma pesquisada sobre Carolina. E daí eu fui ver os filhos dela. A única filha, a Vera Eunice, a mais nova, tem informações sobre ela. Eu não sou muito boa de conta. Mas, pela data do falecimento, eles morreram jovens. Eu tava muito curiosa pra saber mais sobre eles, mas mal se fala (E. L. M. S., informação verbal oral).

A leitura da obra dessa escritora multifacetada permitiu aos(às) participantes um exercício contínuo de empatia, provocando muitas reflexões e sentimentos diversos, como, tristeza, alegria, admiração, indignação. “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” possibilitou um percurso de descobertas de si e do outro, da outra, cujas realidades são silenciadas pelo incômodo que causam.

Fiquei triste na parte em que ela diz que sentiu o amarelo da fome. Imagina umas crianças de cinco, seis anos sentir fome. E uma mãe querendo dar à criança comida, já que ela está pedindo, dizendo que está com fome, sem ter o que dar. Desolador (K. R. da S., informação verbal oral).

“O que eu acho melhor é quando ela despeja na nossa cara a nossa ignorância. O livro foi escrito há anos atrás, mas é muito a realidade de hoje em dia. Quando ela fala dos políticos. Que a gente só escolhe políticos que não têm ideia da nossa realidade”. N. S. M. de G. destaca a admiração que tem pela escritora, a qual diz o que precisa ser afirmado, sem medo da receptividade do(a) leitor(a).

Para a estudante, os relatos cotidianos de Carolina reforçam a insatisfação com sua realidade: “Até no livro fala que é lugar que até porcos não gostariam de morar ali. Imagina uma pessoa. Então eu achei bem legal ela falar isso. Até nos tempos de hoje ainda acontece muito. Essa é nossa má escolha” (N. S. M. de G., informação verbal oral).

A autora salienta em seus escritos que a literatura foi seu alento. Que ler e, principalmente, o ato de escrever possuem papel fundamental em sua trajetória. O fazer literário, em muitas ocasiões, resgatou a autora do sofrimento, trouxe um propósito de vida, serviu de refúgio para os momentos mais desafiadores e foi um lugar do sonho que se proíbe de ser sonhado. O prazer, sobre o qual tanto tratamos no projeto, é trazido na obra. A escritora tem muita satisfação no contato com os livros e com os seus cadernos. Para ela, a literatura é poderosa e modificadora de realidades.

Com o intuito de reforçar a atualidade da obra publicada em 1960 que relata o cotidiano da escritora e de sua família nos anos de 1957 e 1958, perguntamos se os(as) participantes conseguem estabelecer pontes entre o fim da década de 1950 e o ano de 2022. Questionamos se alguns trechos poderiam traduzir a realidade mais recente sem dificuldades, se os mais de 60 anos de sua publicação representam uma realidade superada ou ainda presente em nosso país. Pedimos a citação de trechos ou situações que ilustram essa conexão.

Ela cita no livro assim: “A democracia está perdendo seus adeptos. Em nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco, a democracia é fraca, e os políticos, fraquíssimos. E tudo é fraco. E tudo que é fraco morre um dia” (L. da S. S., informação verbal oral).

Eu chorei muito. Eu estava lendo no ônibus. Eu chorei pra caramba quando ela começou a contar que estava vivendo uma fase que precisou catar comida do lixo. E ela Tipo Descrevia como estava a situação da carne e tal. E que ela tinha medo que os filhos dela pegassem uma doença. Inclusive, ela também citava que a prefeitura, ou coisa assim, levou um cinema pra conscientizar a galera, mas só mostrou lá e é isso: não fez nenhuma ação. Não cuidou da água. Só falou: “Você vai saber porque está doente” (E. L. M. S., informação verbal oral).

O conceito que ela criou de “quarto de despejo” eu acho fantástico. Nossa! É muito necessário, muito bonito como ela classifica São Paulo e a favela é o quarto de despejo. Eu acho que é uma das partes mais bonitas do livro. Ela é bastante poética. Infelizmente ela não teve a oportunidade de mostrar mais esse talento, né? Fazer o quê? “Vai ter que fazer diário até” (E. L. M. S., informação verbal oral).

Nesse momento da discussão, tivemos a chance de dialogar sobre o fato de a escritora ser reduzida a uma única obra e ter, após a publicação de “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, sido impelida a escrever outro diário: “Casa de alvenaria” (1961), que tinha o propósito de relatar seu cotidiano após a publicação de seu livro, em 1960, deixando os(as) leitores(as) a par de sua vida fora da Favela do Canindé.

Carolina queria escrever poemas, contos, crônicas, romances. Ela tinha interesse em percorrer outros gêneros literários, assim como boa parte dos(as) autores(as) clássicos o fazem. Mas havia uma pressão da editora e de seu editor, o jornalista Audálio Dantas, para que ela repetisse o sucesso do primeiro diário.

A escritora tinha o grande projeto de ser poeta, compositora e cantora. Sua paixão pelo rádio impulsionou, em 1961, a gravação de “Quarto de despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições”, único álbum musical gravado pela escritora, contendo 12 composições escritas e cantadas por Carolina, que fazem referência ao sucesso de seu livro mais famoso: “Quarto de despejo: diário de uma favelada”.

A professora doutora Conceição Evaristo⁵ e a professora Vera Eunice de Jesus (filha de Carolina de Jesus)⁶, a convite da editora Companhia das Letras, tornaram-se, com o objetivo de resgatar a obra de Carolina Maria de Jesus em sua completude, ampliando a receptividade dos escritores da autora para além de sua obra principal

⁵ Conceição Evaristo é uma das mais importantes escritoras da literatura afro-brasileira contemporânea. Sua obra é marcada por uma narrativa potente e envolvente, que resgata as histórias e vivências da população negra no Brasil. Ao dar voz a personagens marginalizados e retratar de forma sensível e realista suas experiências, Evaristo traz à tona questões fundamentais sobre identidade, racismo, ancestralidade e resistência.

⁶ A professora Vera Eunice de Jesus, 67, é filha de um dos maiores nomes da literatura brasileira, Carolina Maria de Jesus [1914–1977], autora de “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. Vera almeja que os(as) leitores(as) e críticos literários reconheçam a grandiosidade de Carolina, para além de “Quarto de despejo”. Para isso, está refazendo os passos da vida da mãe para recuperar manuscritos espalhados pelo país.

“Quarto de despejo: diário de uma favelada”, coordenadoras do Conselho Editorial da “Coleção Cadernos de Carolina”⁷.

Na seção “Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus”, presente nas obras “Casa de alvenaria - Volume 1: Osasco” (Jesus, 2021a) e “Casa de alvenaria - Volume 2: Santana” (Jesus, 2021b) atestam a versatilidade da autora:

Apesar do diário encomendado, Carolina Maria de Jesus seguiu escrevendo e lendo. Lamentava, porém, o tempo restrito que tinha para se dedicar ao que mais gostava de fazer: ler e escrever. Essa pulsão para a escrita já era perceptível desde “Quarto de despejo” e aparece como uma necessidade premente em “Casa de alvenaria”. Vislumbramos ali uma autora com um projeto literário: anuncia duas obras já terminadas, “Cliris” e “Onde estaes felicidade?”, e outro livro ainda em processo, cujo título seria “Reminiscência”. Além disso, Carolina recebera convites para escrever argumentos para filmes (Jesus, 2021a, p. 12).

Salientamos também para os(as) estudantes que a escritora é muito talentosa. Não é apenas uma mulher forte que lida com as injustiças sociais. Sendo autodidata, devoradora de livros que encontrava jogados no lixo, sem ter frequentado as melhores escolas, ou mesmo o ensino superior, sem acesso a bens culturais, ou mesmo ao mínimo de estrutura em casa, incluindo uma alimentação balanceada, a autora é admirável em sua escrita, na maneira como se expressa, nas palavras que escolhe, nas metáforas que elabora, na abordagem intimista que traz o leitor para dentro da narrativa. As habilidades estilísticas dela precisam ser evidenciadas e admiradas.

“As vizinhas têm maridos, mas são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade”. J. R. da S. L. cita um trecho do livro para ilustrar como Carolina enxergava o ato de pedir esmolas e receber ajuda de instituições de caridade, não desejando aquela realidade para si. Para o estudante, o “maternar” da escritora é admirável: “Nossa! Eu nem sei explicar isso porque é muito lindo ver o amor dela pelos filhos, a força de vontade que ela tem de criar, de dar comida, de dar tudo que ela pode pelos filhos dela” (J. R. da S. L., informação verbal oral).

⁷ A editora Companhia das Letras criou um conselho editorial, do qual Vera Eunice e Conceição Evaristo fazem parte, para organizar uma série de lançamentos de obras de Carolina, com reedições de livros já publicados e material inédito. No total, são 27 obras, entre romances, poesias, peças de teatro e contos. Essa é a realização de um desejo de Carolina Maria de Jesus, que, ao morrer, em 1977, em São Paulo, deixou à filha uma carta com alguns pedidos. Entre eles, o de que a filha propagasse sua obra e não deixasse que seu nome fosse esquecido.

Quando ela fala que é uma vergonha para a nação uma pessoa matar porque passa fome. Se fala muito sobre isso no livro. Que as pessoas não aguentam a situação de miséria. E vão para o mundo do crime. Isso só reforça o quão forte a Carolina era. Porque ela reclama, reclama, mas todo dia ela está ali na luta novamente. Pois ela sabe a responsabilidade que tem. Ela é mãe, tem três filhos que tem nela o porto seguro. Então, é uma mulher muito forte diante da realidade do nosso país e do mundo até. Muito precária Nossa! (N. S. M. de G., informação verbal oral).

Os relatos permitiram que dialogássemos sobre a relação entre machismo, racismo, desigualdade social e adoecimento mental, citando vários estudos que estabelecem pontes entre as consequências do colonialismo e a saúde mental. Ainda mais quando se tem as interseccionalidades (Akotirene, 2019), considerando que a mulher negra está na posição mais abaixo da pirâmide social, sofrendo triplamente com os preconceitos e as discriminações em seu cotidiano.

Conforme Akotirene (2019, p. 14), “tal conceito é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros”. A estudiosa considera a interseccionalidade como um sistema de opressão interligado, em que a “raça traga subsídios de classe-gênero e esteja em um patamar de igualdade analítica” (p. 23).

Eu acho que comparar a vida na cidade com a vida na favela. A comparação que ela fez com o quarto de despejo foi brilhante (J. P. de O. S., informação verbal oral).

Porque a forma como ela criou esse conceito. É tipo assim Você espera esses conceitos de sociólogos ou de uma pessoa, né? Estudada, como se diz (E. L. M. S., informação verbal oral).

O conceito de colonização dos saberes e desumanização dos corpos negros, trazidos pela pesquisadora Gomes (2012; 2020), são citados para justificar o fato de haver uma resistência em perceber Carolina como uma pensadora, uma mulher produtora de conhecimento.

Enxergar intelectualidade em Jesus é perceber que não só nas academias e não só homens brancos são os responsáveis por produzir inovação em pensamentos e ações. Ter a autora como fonte de conhecimento é ir de encontro a todo o racismo científico que perpetuou secularmente a teoria de que as pessoas negras eram inferiores em seu intelecto.

Diante disso, considerando que “a literatura é um fazer humano” e que “precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado” (Cuti, 2010, p. 13), constatamos que a obra de Carolina tem um papel de denúncia, pois, como afirma Cuti (2010), uma das formas que o autor negro-brasileiro “emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências” (p. 25).

No relato do dia 16 de junho (Jesus, 2020), percebemos que a escritora traz uma reflexão sobre o que difere e o que iguala pretos e brancos, valorizando o seu corpo como símbolo da identidade negra, pois, como afirma Gomes (2020), “o sujeito, por meio do corpo, expressa algo e realiza uma ação determinada” (p. 251). Carolina reforça seu orgulho através da valorização de sua corporeidade.

Comparando com trechos de “Diário de Bitita” (Jesus, 2014), percebemos que o corpo, o cabelo e sua postura diante da vida sempre foram alvo de muita violência, desde a infância de Carolina, quando relembra que ouviu falas, como as das vizinhas: “Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava” (p. 18) ou em “Dona Cota, espanca essa negrinha! Que menina cacete. Macaca” (p. 12).

Ela também cita os negros, não só da favela, mas também do cotidiano dela, que tentam Tipo De certa forma Se comportar como pessoas brancas e inferiorizam ela. Acho que tem um dos trechos em que ela estava passando e aí vem um homem negro e xinga ela” (E. L. M. S., informação verbal oral).

Com o objetivo de direcionar a discussão para o gênero literário, questionamos os(as) participantes sobre a experiência de ler o gênero literário diário. Perguntamos se já haviam lido outro livro desse gênero e se poderiam estabelecer pontes com o estilo de Carolina, em que se aproximava e/ou se diferenciava de outras obras de semelhante estrutura textual.

Nos relatos, os(as) participantes destacam livros do mesmo gênero que já leram, assim como o que lhes atraía no gênero literário diário, especialmente na obra de Carolina, inclusive, levantando hipóteses sobre trechos que a autora usa iniciais para substituir nomes de pessoas.

A biografia de Carolina Maria de Jesus é notável, dramática, um verdadeiro retrato da fome nas primeiras décadas do século XX. Carolina é uma mulher admirável

por conseguir transformar o sofrimento em poesia, por ter forças para sentar-se e escrever ao final de um dia de tantas adversidades e desesperanças. O que defendemos nos espaços de discussão é que a autora merece notoriedade também pela sua qualidade estética, pela riqueza literária de seus escritos, pois não há dúvidas de que há lirismo em sua escrita, independente do gênero literário.

O que poucos sabem é que a questão estética foi sempre uma preocupação da própria Carolina, que possuía uma ideia bastante diferente de seu editor a respeito do diário. Para ela, o diário era pornográfico, no sentido de conter temas nada relevantes sobre a favela do Canindé - a fome, as brigas, a sujeira, o alcoolismo, o abandono social. [...] Para Audálio Dantas, ao contrário, era exatamente isso o que importava, porque havia no discorrer dos temas a expressão estética que causava o inesperado impacto ao leitor. E o que queria Carolina? Contrariando as expectativas de seu editor, seu desejo expresso era publicar poemas, novelas, contos - aquilo que a transportava para longe da escrita da favela (Perpétua, 2020, p. 235).

Os recursos linguísticos utilizados pela autora agregam valor a sua vasta obra que pode ser lida em ambientes diversos, inclusive, os escolares e universitários. A autora não escrevia um diário apenas relatando detalhes de seu cotidiano, ela ia muito além, denunciava as problemáticas da favela, tais como a convivência com animais peçonhentos que transmitiam doenças, a relação da pobreza e do vício do álcool, além da violência contra a mulher, presente no cotidiano daquela comunidade. Provocamos o grupo a fim de oportunizar a troca dessas impressões sobre a obra.

Eu não conseguiria escrever como Carolina nunca porque minha vida é muito chata (risos do grupo) Cara, é chata demais! Ela fala: “Eu acordei e fui catar papel” e já é muito legal. Eu fico tão feliz quando ela fala: “Hoje eu acordei e comi” (reação positiva do grupo). Dá uma alegria! Eu pensava: Ela comeu! Que massa! Que bom! (E. L. M. S., informação verbal oral).

A forma como ela escreve é muito original. Quando depois de cinco páginas lidas, eu vibro: Ela comeu! A gente cria uma amizade com a escritora. Sei lá É como se fôssemos íntimas. Vizinhas, comadres (Risos do grupo) (N. S. M. de G., informação verbal oral).

Mas por que insistem em ligar Carolina apenas a uma história de vida triste? Cuti (2010) nos explica as motivações desse reducionismo:

Se as conquistas da população negro-brasileira são minimizadas é porque o propósito de um Brasil exclusivamente branco continua sobrepujando as mentes que comandam a nação nas diversas instâncias do poder. Os maiores problemas que o país enfrenta hoje foram plantados ontem e seus cultivadores deixaram uma legião de descendentes e seguidores (p. 12).

Carolina tinha uma visão ampliada e crítica sobre o racismo, o machismo e a desigualdade social, principalmente, a fome. Numa narrativa intimista, com tons de drama, revolta, consciência política e crítica social, a escritora, em suas obras, tem uma habilidade ímpar de trazer o(a) leitor(a) para perto de si, quase uma testemunha ocular de tudo que ocorre em sua vida e é relatado em suas obras.

A leitura da obra dessa grande autora é fluida, tem linguagem acessível e carrega a capacidade de gerar indignação diante do racismo estrutural e recreativo, do qual a autora é vítima em sua rotina enquanto favelada. E, mesmo quando ascende socialmente, passando a residir em Osasco e, posteriormente, em Santana, continua sendo alvo da hipocrisia característica da burguesia, que não “aceitava” o fato de uma mulher negra favelada morar na vizinhança. A habilidade de contar histórias de modo envolvente é o que torna Carolina célebre.

Para encerrar o momento, pedimos que os(as) participantes compartilhassem como a leitura de “Quarto de despejo: diário de uma favelada” os impactou, que episódios permitiram encarar os privilégios que possuem, a partir da experiência de ler o diário de Carolina. “Nossa! Eu não consigo mais estragar comida. Você olha pro seu prato e diz: Nossa! Você tem! Você tem privilégios”, afirmou E. L. M. S.

A estudante R. R. L. S. acrescentou que era “A água que ela tinha que buscar”. Arrancando risos do grupo, L. da S. S. trouxe “Os sapatos”. A participante E. L. M. S. ponderou dizendo: “Eu acho que se ter a consciência de que existem pessoas que não têm. É um bom passo”.

C. J. B. da S. complementa: “Dá aquele tapa na cara da gente com sutileza. Bota o pé da gente no chão. ‘Reclama não, que tua vida é boa demais!’ Mesmo com as dificuldades”. E. L. M. S. acredita que “uma vida confortável deveria ser a realidade de todas as pessoas”. “Ter o mínimo, né? O alimento, uma cama para dormir”, completa C. J. B. da S. “E uma cama sem pulgas, né?”, destaca E. L. M. S.

Percebemos que o grupo fez esse movimento de avaliar suas realidades a partir das vivências da escritora. A leitura proporcionou encarar as múltiplas formas de viver, o fato de haver pessoas com e sem privilégios. A reunião encerrou-se com todos(as) afirmando que foi uma leitura prazerosa e que os resgatou dessa literatura estadunidense e inglesa, as quais tinham um acesso mais fácil e que era julgada como melhor e mais interessante que a literatura nacional.

Considerações Finais

Acreditamos que essa experiência pôde propiciar um espaço de formação para os(as) estudantes dessa instituição de ensino, pois, ao auxiliar no processo de formação de leitores de textos literários, formamo-nos também como mediadores. Consideramos que o resultado foi positivo, pois os(as) discentes atendidos(as) pelo projeto puderam demonstrar uma “evolução”, ao melhorar suas habilidades de leitura, escrita e de oralidade, preenchendo possíveis lacunas advindas do ensino fundamental.

Outro fato importante que corrobora com a tese positiva é que a procura por livros literários na biblioteca aumentou e, unido a esse fenômeno, desenvolveu ainda mais as habilidades da leitura, escrita e de oralidade, tríade que é considerada preocupante por boa parte dos docentes de língua portuguesa das instituições escolares de educação básica do nosso país.

Acreditamos que os(as) estudantes que participaram do projeto conseguiram melhor se posicionar e expressar-se diante dos fatos, ou seja, tendo mais autonomia sobre a sua fala dentro e fora do ambiente escolar. A leitura de uma relevante obra da literatura negro-brasileira permitiu a ampliação das vozes presentes no ensino de literatura brasileira, a partir das vivências trazidas pela autora.

Considerando nossa experiência na aplicação da pesquisa do mestrado, o ensino de literatura negro-brasileira, por meio da imersão nas leituras de obras de autoria negra e da implementação do círculo de leitura, efetivou-se como possibilidade no Ifal/*campus* Maragogi e fez emergir relatos sobre a interseccionalidade (Akotirene, 2019) entre raça, gênero e desigualdade social; o desprestígio de alguns(mas) autores(as) negros(as) pelo uso da linguagem não padrão em suas obras; a importância da representatividade negra suscitada por eu-líricos e personagens, cujas características não se enquadram nas obras canônicas; a necessidade de valorização da estética negra que fuja a padrões de hipersexualização; e o papel denunciador que a literatura negro-brasileira pode ter para combater o racismo.

Esse relato nos faz crer que, através da valorização, da leitura e da análise da obra “Quarto de despejo”, do escopo da literatura negro-brasileira, a implementação de práticas pedagógicas que estimulem a leitura literária dos(as) estudantes,

permitindo também, a longo prazo, a escolha das obras que desejam ler, com o suporte necessário para a realização de discussões, permite um aprofundamento nos poemas e enredos de livros cujo protagonismo é negro.

Referências

- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen.
- Almeida, S. L. (2021). *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaíra.
- Arruda, A., Barroca, I., & Tolentino, L. (Orgs.) (2022). *Carolina Maria de Jesus: Percursos literários*. Rio de Janeiro: Malê.
- Arruda, A., Barroca, I., Tolentino, L. & Marreco, M. I. (Orgs.) (2016). *Memorialismo e resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus*. Jundiaí: Paco.
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.
- Cosson, R. (2020). *Círculos de leitura e letramento literário* (4a reimpr.). São Paulo: Contexto.
- Cosson, R. (2021a). *Como criar círculos de leitura em sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- Cosson, R. (2021b). *Letramento literário: Teoria e prática* (2a ed.). São Paulo: Contexto.
- Cuti. (2010). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro.
- Ferreira, A. C. (2022). *A poesia de Carolina Maria de Jesus: Um estudo de seu projeto estético, de suas temáticas e de sua natureza quilombola*. Rio de Janeiro: Malê.
- Freire, P. (1985). *Educação como prática da liberdade* (16a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gomes, N. L. (2012). Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, 12(1), 98-109.
- Gomes, N. L. (2020). *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêtica.
- Herculano, S. (2008). O Clamor por Justiça Ambiental e Contra o Racismo Ambiental. *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, v.3, n.1, Artigo 2, jan./ abril.

Instituto Federal De Alagoas – IFAL. (2019a). *Plano pedagógico do curso técnico integrado ao ensino médio em agroecologia*. Maragogi: o autor. Recuperado em 21 de maio de 2021 de: <https://www2.ifal.edu.br/campus/maragogi/ensino/cursos/tecnicos-integrados/agroecologia>

Instituto Federal De Alagoas – IFAL. (2019b). *Plano pedagógico do curso técnico integrado ao ensino médio em hospedagem*. Maragogi: o autor. Recuperado em 21 de maio de 2021 de: <https://www2.ifal.edu.br/campus/maragogi/ensino/cursos/tecnicos-integrados/hospedagem>

Jesus, C. M. (2014). *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI.

Jesus, C. M. (2020). *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (ed. comemorativa [1960-2020]). São Paulo: Ática.

Jesus, C. M. (2021a). *Casa de alvenaria, volume 1: Osasco*. São Paulo: Companhia das Letras.

Jesus, C. M. (2021b). *Casa de alvenaria, volume 1: Santana*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Recuperado em 20 de fevereiro de 2021 de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

Moreira, A. (2019). *Racismo recreativo*. São Paulo: Pólen.

Pereira, G. H. (Org.) (2023). *Carolina Maria de Jesus: Uma questão autoral*. Campinas: Pontes.

Perpétua, E. D. (2020). A proposta estética em quarto de despejo, de Carolina de Jesus. In C. M. Jesus. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (pp. 233-244, ed. comemorativa [1960-2020]). São Paulo: Ática.

Rocha, W. H. A. (2021). *Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus: Saltando os muros da subalternidade*. Salvador: Devires.

Submetido em: dezembro de 2024

Aceito em: fevereiro de 2025

Sobre as autoras

Adrielle Soares Cunha, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas

Licenciada em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE). Mestra do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da UPE/*Campus* Mata Norte. Docente de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas/*Campus* Maragogi. E-mail: adrielle.cunha@ifal.edu.br.

Doriele Silva de Andrade Costa Duvernoy, Universidade de Pernambuco

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Pernambuco (UPE). Mestra em Educação pela Université Lumière Lyon 2, Doutora em Educação pela Université Lumière Lyon 2. E-mail: doriele.andrade@upe.br.